

(2010) MÁRIO VIANA (COORD. CIENTÍFICA), *HISTÓRIA DA ILHA DO FAIAL: DAS ORIGENS À EPOCA DA ELEVAÇÃO DA HORTA A CIDADE. II: PATRIMÓNIO CARTOGRÁFICO E ARTÍSTICO.*

HORTA: CÂMARA MUNICIPAL DA HORTA.

Rute Dias Gregório – Centro de História de Além-Mar, Universidade dos Açores. *Campus* de Ponta Delgada. Apartado 1422. 9501-801 Ponta Delgada.

Depois do 1.º volume votado à edição de uma antologia de textos, com anotações e comentários de historiadores conceituados, o 2.º volume de *História do Faial* continua a fazer jus à publicitação e divulgação de fontes e estudos sobre esta ilha açoriana. O trabalho agora dado à estampa, de

200 páginas, confirma a antecipação feita de eventual intuito em publicar materiais cartográficos, iconográficos e outros, conjectura que a opção do formato dos livros fazia também adivinhar. Como o subtítulo indica, trata-se de um volume dedicado ao património cartográfico e artístico,



com considerável reprodução de cartas geográficas, menos gravuras e desenhos, e apresentando três textos da autoria de Margarida Vaz do Rego Machado, Mário Viana e Ricardo Madruga da Costa. A que se designa por “Introdução”, de Margarida Vaz do Rego Machado, anuncia no primeiro parágrafo uma edição dedicada “à imagem”, mas mais se afirma como um pequeno estudo sobre elementos de relevo da riqueza patrimonial e artística da ilha, móvel e imóvel. Aqui são destacadas as igrejas dos conventos de São Francisco e do Carmo e particularmente a do Colégio dos Jesuítas, actual Igreja Matriz da Horta, na respectiva fachada e nos interiores da Capela-Mor e da Nossa Senhora da Assunção. O património móvel também se distingue, particularmente no quadro da arte sacra, onde emergem os exemplares de esculturas Quinhentistas de influência flamenga e de influência indo-portuguesa nas duas centúrias posteriores. Segue-se a parte estruturante do presente volume, constituída pela apresentação de fontes cartográficas e que é antecipada pelo comentário de Mário Viana “Sobre as primeiras representações cartográficas dos Açores e do faial e sua informação toponímica”. Ali são tecidos considerando sobre as primeiras representações cartográficas dos Açores, desde a carta trecentista dos irmãos Cresques (Carta Catalã de

1375) à carta quinhentista de Cristoforo Soligo (c. 1475), e concretiza-se um interessante e útil levantamento de cargos, toponímia e topoantroponímia faialense que recua a 1488. De igual modo se confrontam os informes da carta e *Descripçam da ilha do Faial* de Luís Teixeira (1587) e das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso sobre paróquias e população Quinhentista do Faial, esquematicamente traduzidos em múltiplas tabelas. O que se obtém é uma espécie de “reconhecimento” do terreno e da mancha humana da ilha nos primeiros séculos. Seguem então, das páginas 37 à 142, as reproduções da cartografia respeitante ao Açores, divididas por séculos e com detalhes das representações relativas ao Faial. Para além do interesse em reunir todas elas numa só publicação, do sentido de divulgação geral das mesmas quando algumas se pautam por um menos fácil acesso, acresce a percepção clara da riqueza que, em geral, mas também nos detalhes, os registos deste tipo de fontes trazem à História. É assim que um roteiro de representações cartográficas emerge, da já referida Carta Catalã de 1375 à de Alexander Thomas Emeric Vidal de 1844. À reprodução das cartas, devidamente legendadas e com detalhes de significado acrescido para a História do Faial, sucedem então, à página 143, onze gravuras Oitocentistas, nas quais a habitual e imponente

vista para o Pico se impõe, mas também algumas panorâmicas ou vistas parciais da Horta. Segue-se talvez a principal novidade deste volume, constituída por um conjunto de vinte e sete desenhos da autoria de Samuel Longfellow, perceptor das crianças Dabney de 1843 a 1844. Pelo comentário prévio de Ricardo Madruga da Costa desenha-se a contextualização da respectiva produção, bem como se salienta a raridade deste tipo de registos para as ilhas dos Açores. Como o autor bem salienta, é uma experiência de grande riqueza informativa “rever” os elementos oitocentistas da paisagem mais ruralizada da ilha, os detalhes ricos das ruas e casario da Horta, bem como os pormenores dos trajas, das actividades e do quotidiana

no das pessoas comuns. Em suma, no conspecto geral, trata-se este de um volume que cumpre o objectivo da divulgação e que muito se dirige para o exercício pessoal da descoberta por parte do leitor, propósito assumido pelo projecto desde a primeira hora. Considero, contudo, que tanto as gravuras, como particularmente a riqueza da reprodução cartográfica impunham e mereciam comentários mais desenvolvidos, se bem que necessariamente sintéticos face às intenções da obra. Tal como um alargamento da análise do património histórico e artístico, que a dita “Introdução” não deixa de anunciar, antecipamos que tais estudos venham a concretizar-se nos próximos volumes. RUTE DIAS GREGÓRIO

